

MECANISMOS NÃO-VERBAIS E PARAVERBAIS NA CONSTRUÇÃO DO ETHOS EM *L'ÉTRANGER* DE ALBERT CAMUS

Micaela Aguiar

CEHUM-UNIVERSIDADE DO MINHO
maguiar60@gmail.com

Partindo do conceito de *ethos*, tal como é proposto pelo quadro teórico da Análise do Discurso, analisámos a construção do *ethos* ou imagem de si do protagonista da obra *L'étranger* de Albert Camus. Especificamente, centrámos-nos na correlação entre mecanismos não-verbais e paraverbais e estratégias discursivas ao serviço da heteroconstrução de um *ethos* disfórico do protagonista, no episódio do funeral da mãe do herói. Identificámos e analisámos mecanismos não-verbais diversos, tais como, o contacto ocular, o silêncio, a prosódia e a organização proxémica da interação. Concluímos que estes mecanismos sugerem um movimento de distanciação, física e emocional, que surge como consequência do confronto entre duas imagens concorrentes do protagonista: uma imagem estereotipicamente prevista de um filho em luto e a imagem do protagonista auto e heteroconstruída no seu discurso (um *ethos* disfórico).

Palavras-chave: *ethos* discursivo, *ethos* pré-discursivo, comunicação não-verbal, discurso literário, estereótipo, *doxa*

Based on the concept of *ethos*, as proposed by Discourse Analysis theoretical framework, we have examined the *ethos* (or image of self) production of Albert Camus *The Stranger's* main character. We have specifically focused on the correlation between the nonverbal and para-verbal elements and the discursive mechanisms, namely, how they simultaneously contributed, through the course of the hero's mother's funeral, to the production of a hetero-attributed dysphoric image of the main character. Thus we have identified and analyzed several nonverbal communication mechanisms, such as eye contact, silence, prosody and proxemics. We have

concluded that these mechanisms suggest a movement of distancing, both physically and emotionally, which results from the clash between the main character's two competing images: the stereotypical image of a son in grief and the negative *ethos* produced through his discursive interaction.

Key-words: discursive *ethos*, pre-discursive *ethos*, nonverbal communication, literary discourse, stereotype, *doxa*

*
* *

1. Introdução

O presente artigo baseia-se no trabalho de dissertação de mestrado intitulado “A Construção do Ethos em *Létranger* de Albert Camus”, apresentado em novembro de 2013 à Universidade do Minho, no âmbito do curso de Mestrado em Linguística Portuguesa e Comparada.⁽¹⁾

Enquadrado no estudo de produções linguísticas autênticas, e uma vez que engloba um complexo de mecanismos e estratégias discursivas rico e variado, selecionámos o discurso literário como objeto de investigação.

Embora, no quadro teórico proposto pela Análise Linguística do Discurso, comece a (re)surgir um interesse na articulação das Ciências da Linguagem e da Literatura, estas duas áreas permanecem ainda demasiado autónomas, o que nos motivou para o estudo do discurso literário, numa perspetiva linguística. Os contributos da Linguística no domínio literário ultrapassam o simples fornecimento de ferramentas de análise e, neste quadro de investigação, são capazes de abarcar o discurso literário na sua multiplicidade e na sua diversidade e, como tal, propor e fundamentar novas linhas de leitura/investigação literárias.

O romance *Létranger*⁽²⁾ de Albert Camus, além de constituir um marco no panorama literário do século XX, compreende mecanismos verbais, mas

(1) Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Aldina Marques do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

(2) A intriga do romance tem como centro um momento da vida do protagonista, Meursault, relativo à morte da sua mãe e ao seu subsequente enterro. No decorrer do funeral, Meursault manifesta comportamentos anómalos para um filho em estado de luto. Posteriormente, o protagonista envolve-se no conflito amoroso de Raymond, culminando num homicídio, perpetrado por Meursault. A segunda parte inscreve-se no contexto do julgamento, no qual o advogado de acusação constrói a sua argumentação com base nos comportamentos verbais e não verbais de Meursault durante o funeral. Por fim, este é condenado à pena capital.

também mecanismos não-verbais e paraverbais⁽³⁾, que concorrem para a construção de uma multiplicidade de imagens distintas do protagonista, Meursault, fundamentais para a organização narrativa da obra.

Na investigação que está na base deste artigo, procedemos à análise qualitativa de excertos que abrangem a globalidade da obra, e cuja seleção teve em conta a ocorrência de discurso relatado, enquanto estratégia global ao serviço da construção do *ethos*. Partimos do pressuposto de que a elaboração do *ethos* se encontra presente em qualquer interação (*ethos* discursivo) (Maingueneau, 1999), mas, em particular, na história comum dos interlocutores e no imaginário doxal vigente numa determinada sociedade (*ethos* pré-discursivo) (Amosy, 1999, 2010).

A análise realizada foi estruturada em duas partes centrais que correspondem a dois momentos nucleares da obra: o episódio do funeral e o episódio do julgamento. Esta organização procura articular dois pontos de vista relativamente aos eventos que sucedem à morte da mãe do protagonista, designadamente, o ponto de vista de Meursault e o ponto de vista das restantes personagens. Como tal, tivemos em consideração dois processos que participam na elaboração das imagens do protagonista: a heteroconstrução e a autoconstrução.

Na análise das imagens das personagens construídas num texto literário, há que considerar que todo o *ethos* é, necessariamente, discursivo. Contudo, no universo ficcional da obra, estabelecemos algumas distinções, de forma a tornar mais explícito o tipo de relação construída entre determinadas imagens e o desenvolvimento da intriga. Desta forma, consideraremos, a nível global, que, na primeira parte do romance, a imagem disfórica do protagonista construída pelas outras personagens nos diálogos com Meursault vai constituir-se como um *ethos* pré-discursivo desta personagem relativamente à segunda parte, (o episódio do julgamento) onde esta imagem é convocada e possui um papel determinante no desfecho da intriga.

Para o presente artigo selecionámos os excertos que contribuem para a heteroconstrução desta imagem pré-discursiva disfórica do protagonista. Centrar-nos-emos nos mecanismos não linguísticos⁽⁴⁾ (não verbais e para-

(3) Estes mecanismos são, na verdade, todos verbais, uma vez que são dados no e pelo discurso. Contudo, referem-se a uma dimensão não verbal da interação que desempenha uma função preponderante e, como tal, deve ser considerada como parte integrante da dinâmica interacional.

(4) Note-se que todos os mecanismos são verbais porque são dados pelo discurso. Contudo, existe uma dimensão não verbal da interação evocada por determinadas expressões cujo estudo se revela pertinente, uma vez que estes tomam um lugar central na construção do *ethos* efetuado da dinâmica interacional.

verbais) em correlação com os linguísticos enquanto marca da elaboração desta imagem. Assim, analisaremos o modo como as interações do protagonista com as outras personagens se encontram organizadas, o contexto sociocultural particular destas interações na sua ligação com certos estereótipos invocados e, especialmente, o recurso a determinados mecanismos não linguísticos, nomeadamente, o contacto ocular, o silêncio, a intensidade articulatória e a organização proxémica da interação. Pretendemos mostrar a influência que exercem no curso da interação e o modo como contribuem para a elaboração de uma imagem disfórica do protagonista.

2. Algumas questões teórico-metodológicas

2.1 O conceito de *ethos* – enquadramento teórico

O conceito de *ethos*, tal como é teorizado atualmente no quadro proposto pela Análise Linguística do Discurso, decorre essencialmente dos contributos da retórica aristotélica e da perspectiva interacionista goffmaniana.

Com efeito, é na sua obra dedicada à Retórica que Aristóteles vai apresentar o conceito de *ethos*, inscrito na tríade de estratégias argumentativas (*ethos*, *logos* e *pathos*) das quais o orador deve fazer uso de forma a alcançar a adesão do auditório. O orador persuade, pois, através da sua argumentação no discurso (*logos*), da sua capacidade de emocionar o auditório (*pathos*) e pelo carácter “mostrado” (*ethos*). Embora a prova pelo *ethos* se encontre claramente ligada ao orador, *ethos* refere-se, não ao ser empírico, mas à imagem que o orador constrói de si no seu discurso, tal como afirma Aristóteles, “Persuade-se pelo carácter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé” (Ret. I: 1356a). O importante aqui é que a imagem elaborada pelo orador no discurso revele os traços de carácter necessários para persuadir o auditório num dado contexto.

O *ethos* constitui, então, uma noção essencialmente discursiva, ou seja, encontra-se ligada ao uso da palavra em contexto, como afirma Eggs (1999: 33) “Le lieu qui engendre *l’ethos* est donc le discours, le *logos* de l’orateur, et il ne se montre qu’à travers les choix effectués par l’orateur”.

Para a tradição retórica romana, a prova pelo *ethos* centra-se, por outro lado, no carácter do orador, ou seja, numa imagem anterior ao discurso, construída ao longo da vida do orador, através dos seus comportamentos,

da sua formação e das suas atitudes. Esta problemática é retomada na Idade clássica com o renovado interesse na arte oratória⁽⁵⁾.

No quadro da Análise do Discurso, esta questão será recuperada em termos de *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo, mas sempre na relação que o locutor estabelece com o alocutário.

A problemática do ethos articula-se ainda, e na perspetiva do interacionismo simbólico, com o conceito de *imagem de si* desenvolvido pelo sociólogo Erving Goffman (1967, 1973). Os seus trabalhos sobre os rituais de interação social evidenciam a importância da construção da *imagem de si* nas interações verbais, nomeadamente, através dos conceitos de *face* e de *presentation of self* que estabelecem uma relação estreita com a noção de *ethos*.

Para Goffman, toda a interação social, como “the reciprocal influence of individuals upon one another’s actions when in one another’s immediate physical presence” (1973: 26), implica que os seus participantes efetuem, consciente ou inconscientemente, uma apresentação de si, ou seja, “the individual will have to act so that he intentionally or unintentionally *expresses* himself, and the others will in turn have to be *impressed* in some way by him” (*idem*: 14). A regulação da interação tem, entre outros objetivos, a preservação da *face*. Goffman (1967:5) define *face* enquanto “the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact”. Face é, então, uma “image of self delineated in terms of approved social attributes – albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself” (*ibidem*).

Considerando a divergência dos conceitos, mas, sobretudo, a sua confluência, Ruth Amossy (2010) propõe a assimilação da noção de *ethos* à de “présentation de soi”, na sua conceção alargada, ou seja, estendida, além das interações reais face a face, a todas as trocas verbais. Consideraremos, pois, o conceito de *ethos* na proposta de Amossy (*idem*: 26):

(5) Nos seus estudos sobre a retórica clássica, Michel Le Guern (*apud* R.Amossy, 1999: 20) distingue “carateres oratórios” de carateres reais: “Nous distinguons les mœurs oratoires d’avec les mœurs réelles. Cela est aisé. Car qu’on soit effectivement honnête homme, que l’on ait de la piété, de la religion, de la modestie, de la justice, de la facilité à vivre avec le monde, ou que, au contraire, on soit vicieux, [...], c’est là ce qu’on appelle mœurs réelles. Mais qu’un homme paraisse tel ou tel par le discours, cela s’appelle mœurs oratoires, soit qu’effectivement il soit tel qu’il le paraît, soit qu’il ne le soit pas. Car on peut se montrer tel, sans l’être ; et l’on peut ne point paraître tel, quoiqu’on le soit ; parce que cela dépend de la manière dont on parle”.

Cette notion de présentation de soi, on le voit, est étonnamment proche de la notion aristotélicienne d'*ethos* : il s'agit d'une construction d'image qui s'effectue dans un échange social déterminé, qu'elle contribue largement à réguler.

No domínio das Ciências da Linguagem, O. Ducrot (1984) introduz, no quadro da sua teoria polifónica da enunciação, o termo *ethos*, embora sem grandes desenvolvimentos posteriores⁽⁶⁾. De acordo com Ducrot, o *ethos* é perspetivado, não como uma condição pré-existente ou extralinguística, mas como construção inerente ao discurso, quer ao momento da sua produção, quer aos momentos discursivos que o antecedem. Esta conceção de *ethos* encontra-se no prolongamento da de Aristóteles, sublinhando a centralidade da enunciação na construção da imagem de si.

No quadro teórico da Análise do Discurso⁽⁷⁾, Dominique Maingueneau (1984, 1991, 1998, 1999) é o primeiro a elaborar e a desenvolver uma verdadeira “teoria do *ethos*” num quadro linguístico. Maingueneau recupera o conceito de *ethos* aristotélico, vinculando esta noção à de *enunciação*. É, essencialmente, a conceção de *ethos* enquanto instância intrinsecamente enunciativa que Maingueneau recupera da retórica aristotélica. Contudo, o investigador procura distanciar-se do domínio da retórica, recentralizando o seu foco no quadro da Análise Linguística do Discurso.

Assim, Maingueneau apresenta duas reformulações nucleares relativamente ao conceito aristotélico de *ethos*: 1) o conceito de *ethos* não se encontra circunscrito apenas à oralidade, estende-se igualmente à escrita e 2) a presença do *ethos* não se restringe ao discursivo argumentativo, pelo contrário, está presente em todas as trocas verbais.

Ligado intimamente à noção de *ethos* discursivo, encontramos o conceito de *ethos* pré-discursivo (“*ethos préalable*” na denominação de Ruth Amossy), enquanto imagem que o auditório constrói/tem do locutor no

(6) Ducrot estabelece uma distinção entre o locutor L, responsável pelo enunciado, o enunciator, enquanto “voz” ou ponto de vista e o locutor λ, o locutor enquanto pessoa do mundo. Nas palavras de Ducrot (1984 : 201) “Il ne s'agit pas des affirmations flatteuses que l'orateur peut faire sur sa propre personne dans le contenu de son discours, affirmations qui risquent au contraire de heurter l'auditeur, mais de l'apparence que lui confèrent le débit, l'intonation, chaleureuse ou sévère, le choix des mots, des arguments... Dans ma terminologie, je dirais que l'*ethos* est attaché à L, le locuteur en tant que tel: c'est en tant qu'il est source de l'énonciation qu'il se voit affublé de certains caractères qui, par contrecoup, rendent cette énonciation acceptable ou rebutante”.

(7) No quadro dos estudos aplicados ao português sobre o *ethos*, é de salientar o trabalho realizado por Rosalice Pinto (2003). A investigadora analisa o *ethos* construído num artigo de opinião da secção “Espaço Público” do jornal Público, a partir do qual distingue vários tipos (*ethos* didáctico, *ethos* crítico, *ethos* crítico subjectivado, *ethos* moderado, *ethos* indagativo e *ethos* ponderado). Devemos mencionar ainda os trabalhos de Marques (2008, 2009, 2011).

momento em que este toma a palavra: podendo ser um *ethos* “coletivo” (por exemplo, o que se espera da intervenção de um médico ou de um político, etc.), ou um *ethos* individual, ou seja, as imagens que circulam sobre o locutor, num determinado espaço e tempo, imagens estas que os destinatários de um dado discurso atualizam.

A imagem individual pré-discursiva do locutor engloba, assim, segundo a mesma investigadora: 1) o estatuto institucional do locutor, as funções ou a posição social que ocupa e que conferem legitimidade ao seu discurso, 2) a imagem que o auditório constrói da pessoa antes de esta tomar a palavra, que corresponde às representações coletivas ou estereótipos que lhe estão associados. Assim, a imagem pré-discursiva é entendida, segundo Amossy (2010:73), como

l'ensemble des données dont on dispose sur le locuteur au moment de sa présentation du soi se compose donc d'aspects divers. Il comprend la représentation sociale qui catégorise le locuteur, sa réputation individuelle, l'image de sa personne qui dérive d'une histoire conversationnelle ou textuelle, son statut institutionnel et social.

Esta representação do locutor encontra-se, como defende R. Amossy (1991,1994, 1997), em parte, assente em estereótipos. Amossy articula a análise argumentativa e o conceito de *ethos*, desenvolvendo uma linha de investigação em torno desta noção, em que propõe que a imagem pessoal se encontra ancorada em estereótipos e que o processo de construção da imagem é central na construção identitária.

Nesta perspetiva, a investigadora vai introduzir na análise da construção do *ethos* o conceito de *estereótipo*, que define *estereótipo* como “une représentation collective figée, un modèle culturel qui circule dans le discours et dans les textes” (Amossy, 2010: 46). Por outras palavras, *estereótipo* é um conjunto de representações coletivas que pré-definem, em parte, a imagem do locutor numa determinada cultura e numa determinada época.

Estas representações coletivas constituem uma parte integrante de um dado “imaginaire sociodiscursif” e, nesta medida, encontram-se inseridas numa *doxa*, um “ensemble d'opinions, de croyances, de représentations propres à une communauté et qui ont à ses yeux valeur d'évidence et force d'universalité” (*idem*: 48). O conceito de *estereótipo* é, então, perspetivado como uma categoria indispensável “aussi bien en termes de construction d'identité qu'en termes de communication efficace” (*idem*: 44). O *ethos* constrói-se a partir destas representações que pré-existem no imaginário

coletivo. Nesta conceção, o *estereótipo* é uma construção de “leitura”, na medida em que o alocutário reconstrói, tendo por base elementos díspares contidos no discurso, a imagem do locutor em função de um modelo cultural pré-existente e o seu próprio conhecimento do mundo. Esta perspetiva salienta a dimensão dialógica do discurso através do qual todo enunciado retoma e responde necessariamente à palavra do outro.

Nesta ótica, Amossy propõe que “l’ethos discursif est toujours une réaction à l’ethos préalable – ma présentation de soi se fonde toujours sur l’idée que mon interlocuteur se fait d’ores et déjà de ma personne” (*idem*:75). Ou seja, o *ethos* que o locutor constrói no discurso inclui sempre a imagem que o interlocutor poderá fazer dele, tendo como base a sua inserção numa representação pré-existente ao discurso, mas que poderá não coincidir com a imagem que o interlocutor efectivamente faz dele.

2.2 Mecanismos não-verbais e paraverbais

A construção do *ethos* é, pois, um processo complexo e que mobiliza dispositivos linguísticos e discursivos de natureza diversa que contribuem para a sua elaboração. Contudo, como as interações verbais assentam fundamentalmente na multicanalidade, quer dizer, além da atividade verbal dos interlocutores, existem igualmente elementos não-verbais que integram o discurso, devemos considerar também os mecanismos não-verbais e paraverbais que concorrem para a construção da interação.

Em relação aos principais contributos para fomentar o interesse do estudo dos mecanismos não-verbais e paraverbais nas interações sociais, encontramos como nomes mais relevantes o antropólogo Edward Hall (1966) e a sua teoria da proxémica. Hall propõe que a percepção humana do espaço, embora decorrente do domínio sensório, é, em última instância, moldada pelo meio sociocultural. O antropólogo propõe diferentes categorias de forma a concetualizar o espaço pessoal, nomeadamente, o espaço íntimo, o espaço social e o espaço público. Segundo Hall, a distância ou proximidade física definida, pelas expectativas culturais, para cada uma das categorias apresenta um elevado grau de variação, tendo em conta a zona geográfica, o que pode originar falhas comunicativas em ambientes multiculturais. Os trabalhos de Hall tiveram um impacto científico considerável, nomeadamente, na área da Antropologia, Sociologia, Psicologia e Geografia. Da mesma forma, as propostas de Hall contribuíram para o interesse linguístico pelo papel de elementos não-verbais, não só proxémicos, mas também-paraverbais, nas interações sociais.

Também na investigação em Psicologia está presente o interesse por estas dimensões não-verbais. J. Cosnier (1984, 1989, 1996), que dedicou diversos trabalhos à comunicação não-verbal e aos gestos comunicativos, afirma que:

On sait aussi que, comme le “canal verbal”, le “canal kinésique” va être impliqué dans l’expression d’un “contenu” autrement dit dans une activité référentielle, mais peut-être plus encore dans la manifestation d’une «relation», autrement dit dans une activité «interactionnelle» (...) (1996 : 1)

Apresenta três funções principais dos gestos nas interações verbais, das quais consideraremos apenas a terceira⁽⁸⁾, que se relaciona com a empatia e com a comunicação afetiva. A comunicação afetiva compreende a comunicação emocional, referente a “manifestations spontanées des états internes”, (riso, choro, tremores) e a comunicação emotiva que resulta de uma “elaboração secundária” e permite a apresentação controlada dos afetos sejam estes reais ou não.

É precisamente a função afetiva dos gestos que, na nossa análise, constituirá um dos mecanismos de construção do *ethos*. Como afirma Cosnier (1996:3), a problemática da comunicação afetiva aponta para a quarta das “*questions de parole*”⁽⁹⁾: “Qu’est-ce qu’il en pense?”. Ou seja, o que é que o interlocutor acha do que o locutor diz e do que faz, ou melhor, qual é a imagem que o interlocutor cria do locutor através do seu discurso. Com efeito, elementos não-verbais, como o olhar, mímicas faciais, a postura, entre outros, podem constituir indícios, não só de uma relação, mas igualmente de um *ethos*.

Dado o papel sociocultural e afetivo dos elementos não-verbais e paraverbais nas interações sociais, importa considerar a comunicação “não-verbal” inserida num quadro teórico, que categorize e defina os seus constituintes e a sua natureza.

(8) A primeira trata da “activité mimo-gestuelle” que se encontra ligada à “constitution de l’énoncé auquel elle s’intègre” (1996:2). Esta primeira função incorpora a “gestualité deictique ou désignant”, quer dizer, nos casos em que o gesto se encontra “prévue par la forme de l’expression verbale”, como é o caso dos demonstrativos; a “gestualité illustrative” através da qual uma ação ou um objeto é mimetizado em relação a um determinado espaço; por fim, existem ainda os gestos “quasi-linguistiques” que, segundo Cosnier, são “équivalents de parole et sont parfaitement conventionnalisés selon les cultures”. A segunda função prende-se com a coordenação interacional, ligada essencialmente ao sistema de passagem e manutenção da palavra.

(9) Sendo as três primeiras, de acordo com Cosnier (1996 :3), “– Est-ce qu’on m’entend? – Est-ce qu’on m’écoute ? – Est-ce qu’on me comprend ?”.

Atualmente existe um número significativo de trabalhos consagrados à análise de mecanismos não-verbais e paraverbais, enquanto constituintes por direito da interação. Mencione-se os artigos de Gardner e Levy (2010) sobre a coordenação de fala e ação, de Yu (2011), que, numa análise multimodal, abordam a demonstração de frustração nos argumentos e os textos de Holler e Wilkin (2011) que desenvolveram um trabalho experimental sobre o grau de quantidade de gestos na comunicação em correlação com o *feedback* dos interlocutores.

De acordo com Ephratt (2011), diversos modelos⁽¹⁰⁾ foram já propostos para categorizar a comunicação “não-verbal”, sendo que todos estes sistemas assentam na experiência corpórea (quer seja pelos diferentes sentidos, canais de percepção ou órgãos físicos). Contudo, como afirma o investigador, os estudos consagrados à comunicação não-verbal

[...] exclude “verbal” language, so their attempts to subcategorize communication are made only in “nonverbal” communication. No matter which criteria they use, the language component is not accounted for. This results in non-exclusive criteria yielding a non-inclusive picture.

Procurando contrariar esta tendência, Ephratt (2011) propõe um modelo que, embora estruturado também nos cinco sentidos de percepção, inclui a comunicação verbal. Este modelo assenta essencialmente em dois domínios: o domínio exclusivamente relacionado com o corpo humano (*Human body exclusively*) e o domínio do além do corpo humano (*Beyond the human body*).

Como referido, estas duas esferas encontram-se subordinadas aos cinco sentidos. Assim, encontramos, ao nível da percepção visual, o olhar e as expressões faciais inseridas no domínio exclusivamente ligado ao corpo humano e, por seu turno, a aparência e o vestuário inseridos no domínio do além do corpo humano. Nesta perspetiva, a comunicação verbal inscreve-se no domínio do corpo humano, ao nível da percepção auditória, assim como elementos paraverbais (e.g. intensidade articulatória). Já elementos como a proxémica (a distância entre dois corpos) inserem-se nos dois campos, uma vez que, no caso da proxémica, a distância ou proximidade é, simultaneamente, física e sociocultural. Por seu turno, o silêncio, enquanto elemento multifuncional, poderá decorrer de qualquer um dos campos, tendo em consideração o tipo de silêncio em questão.

(10) Refira-se em especial o modelo proposto por Cosnier e Brossard (1984) que distingue marcas vocais e acústicas (que englobam material verbal e paraverbal) e marcas corporais e visuais .

No quadro da Análise do Discurso, a dimensão do não-verbal e do paraverbal constitui, por um lado, uma parte integrante do contexto⁽¹¹⁾, na medida em que certos elementos participam do quadro espaço-temporal, tal como a organização proxémica do espaço, enquanto outros, como a aparência e o vestuário, são características próprias dos participantes. Por seu turno e de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1990), os elementos não-verbais e paraverbais fazem parte, a par do verbal, do material semiótico indispensável às interações.

Tal remete-nos para questão da multicanalidade da interação. Como refere a investigadora (*idem*:150) “La communication est *multicanale*: elle exploite un matériel comportemental faits de mots, mais aussi d’inflexions, de regards, de gestes, de mimiques (...)”. Assim, nas interações verbais, além da atividade discursiva ou verbal dos interlocutores, existem igualmente elementos não-verbais que integram a estruturação discursiva, o que significa que, no curso da interação, há uma relação de complementariedade entre os diferentes canais:

“Les unités paraverbales et non verbales ne viennent pas s’ajouter aux unités verbales, mais les différents modes de communication sont intégrés les uns aux autres (...)” (*idem*:153).

Na sua reflexão sobre o funcionamento dos elementos não-verbais e paraverbais, Kerbrat-Orecchioni elenca diferentes aspetos desta dimensão que se revelam fundamentais para o desenvolvimento da interação, entre os quais sobressai a necessidade de fornecer as condições necessárias para o início, o desenvolvimento e o fim da interação. Os interlocutores têm que se encontrar a uma determinada distância de forma a possibilitar a comunicação, no curso da interação é necessária a manutenção sistemática do contacto ocular e, para que esta possa terminar, os interlocutores têm que se distanciar uns dos outros, uma vez que as fórmulas de despedida, por si, não são suficientes para marcar o fim da interação. Ao nível da estrutura da interação, aponta como principais usos a regulação do sistema de alternância de vez, através, sobretudo da prosódia, e da organização da interação em unidades hierarquizadas, uma vez que certos marcadores prosódicos e modificações de postura podem assinalar as mudanças de sequência (*idem*: 145). Já, no que diz respeito ao conteúdo da interação, a investigadora

(11) Tal como é definido por Kerbrat-Orecchioni (1990) enquanto “l’environnement extralinguistique de l’énoncé” o qual é perspectivado em termos de quadro espaço-temporal, participantes e objetivos.

afirma que os elementos não-verbais e paraverbais contribuem para a sua determinação, por exemplo, na deteção de conteúdos implícitos ou na realização de certos atos verbais indiretos. A dimensão não-verbal, de acordo com a investigadora, pode igualmente fornecer indícios de contextualização, especialmente, no que concerne as características biológicas, psicológicas e sociais dos participantes, como acima mencionámos. Os elementos não-verbais podem ainda constituir marcas de uma determinada relação interpessoal, seja esta de familiaridade, de distância ou de assimetria.

3. Análise: mecanismos não-verbais de construção do *ethos*

Analisaremos, então, os mecanismos não-verbais e paraverbais na sua correlação com os elementos linguísticos, como parte integrante da organização discursiva das interações sociais em questão. Assim, é importante considerar o tipo de organização que caracteriza as interações em que o protagonista, Meursault, participa, uma vez que apresentam uma estrutura particular.

O esquema abaixo mostra o lugar aí ocupado pelos participantes nas diversas interações:

1. Interlocutor de Meursault: intervenção iniciativa
2. Meursault: intervenção reativa não preferencial
[nova sequência iniciativa/ reativa]
3. Interlocutor: intervenção avaliativa não-verbal, podendo ser acompanhada por elementos verbais, que marcam o fim da interação

Pretendemos mostrar como o recurso a mecanismos não-verbais e paraverbais está ao serviço da construção de uma imagem do protagonista e como estes elementos desempenham um papel fucral no curso da interação. Em relação a esta questão, é importante considerar também o tipo de intervenções que caracteriza os enunciados do protagonista: intervenções reativas curtas, insuficientes para favorecerem a gestão colaborativa e a manutenção da interação verbal, mas também social. A incapacidade de manutenção e a cogestão da interação, marcada pelo carácter meramente reativo das intervenções de Meursault e pelas suas respostas demasiado curtas que anulam a possibilidade de conversação, contribuem para a construção de um *ethos* disfórico.

Consideraremos ainda os mecanismos não-verbais na dimensão social e afetiva, acima verificada, tendo em conta o contexto sociocultural no qual

se inserem os excertos selecionados. Concretamente, analisaremos o episódio do funeral da mãe do protagonista como um espaço social ritualizado⁽¹²⁾ que, como tal, se encontra regido por normas específicas e é objeto de determinadas expectativas culturais. Enquanto espaço social, o funeral favorece, ou “impõe” mesmo, a partir do imaginário doxal vigente na comunidade, uma determinada conduta⁽¹³⁾.

Ora, no episódio do funeral, Meursault apresenta determinados comportamentos verbais e não-verbais que vão contra as normas sociais deste ritual, como por exemplo, tomar café, dormir, fumar durante o velório, desconhecer a idade da mãe e recusar-se a ver o corpo da defunta. Há, a partir destes comportamentos, uma derrogação do estereótipo de *filho em luto*, desencadeador de um “conflito” social, na medida em que os laços familiares inserem o protagonista neste estereótipo, mas a sua conduta, e, por conseguinte, a imagem que constrói de si, não se coaduna com o estereótipo.

Como este espaço social particular acarreta, ao nível das expectativas doxais, um determinado estado emocional (luto, sofrimento, angústia), teremos igualmente em consideração o aspeto afetivo da comunicação. Dado o contexto fúnebre e o grau de parentesco próximo que o protagonista partilha com o defunto, existe a convocação de determinados valores sociais e afetivos, que podem ser parafraseados por enunciados doxais do tipo “Mãe há só uma”, “Os filhos amam as mães”, “A perda da mãe é um acontecimento trágico e marcante para os filhos”.

Considerando estes valores, as transgressões de Meursault, relativamente às expectativas sociais do que deve ser o comportamento de um filho em luto, serão interpretadas pelos seus interlocutores como índices de ausência de afetividade. Será, pois, esta divergência entre a imagem prevista nesta situação, o estereótipo de “filho enlutado”, especialmente, no que diz respeito ao estado emocional, e a imagem que Meursault constrói de si mesmo que dá origem a um *ethos* disfórico.

(12) Goffman (1973: 231) define espaço social como “any place surrounded by fixed barriers to perception in which a particular kind of activity regularly takes place. [...] any social establishment may be studied profitably from the point of view of impression management”.

(13) Ou seja, existe, por um lado, uma atitude prevista para um filho em luto, como, por exemplo, conservar uma postura de solenidade e de respeito. Por outro lado, existe um conjunto de comportamentos e, mesmo, disposições emocionais que não se enquadram neste imaginário, como, a indiferença, o humor ou a felicidade, e, como tal, são considerados anómalos relativamente às expectativas doxais.

3.1 Algumas funções do contacto ocular

O contacto ocular, nos seus diferentes tipos (olhar fixo, relance, ausência de contacto ocular, entre outros), pode, acompanhando elementos linguísticos, desempenhar um papel relevante na interação social.

Janney (1999) apresenta, como exemplo da interação entre gestos físicos e enunciados, o caso do debate televisivo entre George Bush, Bill Clinton e Ross Perot, durante as eleições presidenciais de 1972, em que um relance de Bush em direção a Clinton no momento em que este enuncia um comentário geral negativo é entendido e recuperado pelos seus interlocutores como um ataque dirigido a Clinton.

Mas a importância e a função do contacto ocular constituem uma problemática controversa entre os investigadores da comunicação não-verbal. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1992:42), a teoria clássica (apresentada por Argyle & Dean, 1965) sustenta que quanto maior é o grau de proximidade dos interlocutores maior será o número de contactos oculares; mas esta teoria é contestada por investigadores, como Swain *et al* (1982), que defendem que quanto maior for a distância entre os interlocutores, maior é a sua necessidade de se assegurarem das reações do outro.

Assim, dependendo da teoria, o contacto ocular pode aumentar em relações de proximidade ou aumentar em relações de distância, atendendo, claro, a funções diferentes. Parece-nos que, quer num caso quer noutra, falta a consideração da dimensão sociocultural que determina estes comportamentos. Deste modo, é importante ter em consideração o contexto, de forma a interpretar e categorizar o aumento ou a diminuição dos contactos oculares durante a interação, uma vez que, na verdade, são sobretudo questões socioculturais que devem ser consideradas.

Em *L'Étranger*, o primeiro contacto de Meursault com o cenário do funeral é marcado por uma interação onde o contacto ocular tem papéis distintos, em articulação com dados proxémicos e emocionais:

- (1) À ce moment, le concierge est entré derrière mon dos. Il avait dû courir. Il a bégayé un peu : «On l'a couverte, mais je dois dévisser la bière pour que vous puissiez la voir». Il s'approchait de la bière quand je l'ai arrêté. Il m'a dit: «Vous ne voulez pas?» J'ai répondu: «Non.» Il s'est interrompu et j'étais gêné parce que je sentais que je n'aurais pas dû dire cela. Au bout d'un moment, il m'a regardé et il m'a demandé : «Pourquoi ?» mais sans reproche, comme s'il s'infor-

mait. J'ai dit : «Je ne sais pas.» Alors tortillant sa moustache blanche, il a déclaré sans me regarder : «Je comprends.»⁽¹⁴⁾ [pp.14]⁽¹⁵⁾

O papel do contacto ocular nesta interação tem de ser enquadrado, primeiramente, no “conflito” introduzido por um conjunto de trocas verbais (e não verbais) entre o protagonista e o porteiro.

Assim, a interação é iniciada por um ato não-verbal⁽¹⁶⁾ de oferecimento, acompanhado da deslocação do porteiro em direcção ao caixão, e um ato reativo, também não-verbal, de recusa do protagonista. O ato de recusa encontra-se marcado como não preferencial⁽¹⁷⁾, especialmente, no contexto fúnebre, uma vez que, o ato de ver o corpo de um familiar se encontra previsto nas expectativas sociais do ritual lutuoso⁽¹⁸⁾. A ausência de qualquer ato secundário de justificação acentua a disforia da resposta. O desenvolvimento da interação é modelado por este facto. Com efeito, as sequências não preferenciais são, segundo Kerbrat-Orecchioni (1990: 272), mais elaboradas que as dos encadeamentos não marcados, porque

elle[s] s'accompagne[nt] généralement de certaines précautions rituelles (“pré”, excuses, justifications, formulation indirecte, adoucisseurs divers), c'est-à-dire que les enchaînements “non préférés” sont plus “coûteux” linguistiquement (ils

(14) Remetermos a tradução das passagens em análise para nota de rodapé. Utilizaremos a tradução de António Quadros, *O estrangeiro*, Editora Livros do Brasil (2012). «Neste momento, o porteiro entrou por trás de mim. Devia ter corrido. Gaguejou: “Fecharam-no, mas eu vou desaparafusá-lo, para que o senhor a possa ver.” Aproximava-se do caixão, quando eu o detive. Disse-me: “Não quer?” Respondi: “Não.” Calou-se e eu estava embaraçado, porque sentia que não devia ter dito isto. Ao fim de uns momentos, ele olhou-me e perguntou “Porquê?”, mas sem um ar de censura, como se pedisse uma informação. Eu disse “Não sei.” Então, retorcendo os bigodes brancos, declarou, sem olhar para mim “Compreendo.”» [pp. 31]

(15) Servimo-nos da edição de *L'étranger* publicada em 2007 pela Gallimard, na coleção Folio. Todos os excertos analisados são retirados desta edição.

(16) De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1990: 134), “La notion de “paire adjacente” peut également s'appliquer à des couples d'actes verbaux ou non verbaux”.

(17) O conceito de *organização preferencial* das sequências discursivas (Sacks *et al.*, 1974; Levinson, 1983; Pomerantz, 1984; Bilmes, 1988) desenvolve-se em torno da noção de *par adjacente*. Carapinha Rodrigues (1998: 102), recuperando Sacks *et al* (1974), afirma que a conceção de *preferência* advém de dois aspetos: “um princípio de ordem que esclarece que na situação apropriada se deve fazer ou dizer X, a não ser que tenhamos boas razões para não o fazermos ou dizermos e, neste caso, faremos ou diremos Y [...]. O outro aspeto a considerar é que este princípio de ordem constitui a base para inferências que os participantes na interação vão efectuar”. A cortesia linguística atualiza alguns destes pressupostos.

(18) Ligando à teoria de Cosnier que apresentámos anteriormente, estamos perante um caso de comunicação afetiva por privação, e por isso, a recusa de Meursault virá a ser interpretada como uma marca de ausência de afetividade em relação à mãe.

consomment davantage de matériel signifiant), mais aussi sans doute cognitivement, et psychologiquement.

A primeira troca verbal encontra-se na sequência do conflito introduzido pela recusa. Esta é composta por um pedido de confirmação da recusa(19): (“Vous ne voulez pas?”) e pelo ato de confirmação (“Non.”). Mais uma vez, a resposta do protagonista não apresenta qualquer tipo de “précautions rituelles”: a ausência de justificação aponta precisamente para uma falta de “esforço” psicológico que sugere uma ausência afetiva. Com efeito, as respostas de Meursault são demasiado curtas (geralmente constituídas por um ou dois lexemas), insuficientes para assegurar a continuação da conversação.

Sendo a recusa um ato não preferencial, e como não existem marcas linguísticas ou não linguísticas de atenuação, a segunda troca verbal é iniciada por um pedido de explicação (“Pourquoi?”), introduzido pelo verbo introdutor de discurso relatado “demander”, acompanhado por um elemento não-verbal (“il m’a regardé”). Neste caso, o contacto ocular e o ato de pergunta estabelecem, assim, uma relação de complementaridade.

Este conflito provoca um desvio face às possíveis reações expectáveis neste tipo de interação, tornando-a menos previsível. O contacto ocular constitui uma reação a este conflito, agravado pelo facto de o diálogo ocorrer entre dois estranhos. Ora para Kerbrat-Orecchioni (1992:43) “Plus les locuteurs sont étrangers l’un à l’autre, et plus ils ont besoin de s’assurer des réactions d’autrui, pour en quelque sorte compenser l’incertitude que crée cette méconnaissance”. Por outras palavras, a imprevisibilidade da recusa obriga o interlocutor a um esforço acrescido na manutenção da interação, uma vez que o curso previsto da interação não se concretiza.

A resposta de Meursault, modalizada epistemicamente por um valor de “desconhecimento” (“J’ai dit: «Je ne sais pas.»”), no contexto particular do funeral e na sequência dos pares adjacentes precedentes desloca este valor epistémico de “desconhecimento” para um plano afetivo-axiológico. Isto é, a recusa em cumprir as expectativas normativas do ritual, aliada à ausência de uma explicação provoca a transferência do valor epistémico de “desconhecimento” do contexto do par adjacente para uma dimensão afetiva:

(19) Neste contexto, ato de pergunta constitui uma pergunta orientada, tal como é definido por Carapinha (1998: 52) “perguntas directas de tipo total que, contrariando a sua aparente vocação de pedidos de informação, não visam buscar o valor de verdade da proposição subjacente a elas, mas antes orientar o seu receptor no sentido de este confirmar o valor de verdade que o locutor fez passar na sua pergunta; são orientadas precisamente porque desejam que L2 admita o ponto de vista de L1”.

são os sentimentos de Meursault em relação à sua mãe que se esvaziam de certeza.

Como tal, o valor do contacto ocular expresso no sintagma “sans me regarder” difere daquele que apresentámos para a expressão “il m’a regardé”: a relação entre o enunciado e o contacto ocular já não é de complementariedade. Embora o enunciado “Je comprends” seja indicativo de uma relação de solidariedade, a ausência (ou mesmo o evitamento) de contacto ocular constitui uma manifestação de distância: o locutor distancia-se na relação interlocutiva. Neste movimento de distanciação há uma recusa de adesão, no sentido que Maingueneau(20) (1999) lhe confere, um “univers de sens” que difere do de Meursault.

No episódio do julgamento, o contacto ocular reforça os valores comunicacionais que acabámos de apresentar. Embora confinado ao estatuto de participante não ratificado (Goffman, 1981), a presença de Meursault enquanto ouvinte, o relato das interações em que este participou no curso do funeral, mas sobretudo a recuperação do *ethos* pré-discursivo disfórico do protagonista, aduzem, no discurso das testemunhas, o mesmo valor negativo do contacto ocular, reforçando a construção efetiva deste *ethos* disfórico.

O exemplo (2) mostra, mais uma vez, uma recusa em estabelecer contacto ocular que, acima, atribuímos a uma expressão de distanciamento, sobretudo de carácter socio-afetivo.

- (2) En arrivant, le concierge m’a regardé et il a détourné les yeux. Il a répondu aux questions qu’on lui posait. Il a dit que je n’avais pas voulu voir maman, que j’avais fumé, que j’avais dormi et que j’avais pris du café au lait. (21) [pp.136]

Também em (3) existe esse movimento de distanciação através da referência ao direção do olhar da personagem.

(20) “Le texte n’est pas destiné à être contemplé, il est énonciation tendue vers un co-énonciateur qu’il faut mobiliser pour le faire adhérer “physiquement” à un certain univers de sens. Le pouvoir de persuasion d’un discours tient pour une parte au fait qu’il amène le lecteur à s’identifier à la mise en mouvement d’un corps investi de valeurs historiquement spécifiées”, Maingueneau, (1999: 80).

(21) «Ao aparecer, o porteiro olhou-me e depois afastou os olhos. Respondeu às perguntas que lhe dirigiam. Disse que eu não tinha querido ver a minha mãe, que tinha fumado, que tinha dormido e que tinha tomado café com leite.» [pp. 94]

- (3) À une autre question, il a répondu qu'il avait été surpris de mon calme le jour de l'enterrement. On lui a demandé ce qu'il entendait par calme. **Le directeur a regardé alors le bout de ses souliers** et il a dit que je n'avais pas voulu voir maman, je n'avais pas pleuré une seule fois et j'étais parti aussitôt après l'enterrement sans me recueillir sur sa tombe.(22) [pp.135]

Contudo, neste caso, a manifestação de distância não é a um nível físico, mas é, principalmente, em relação ao objeto do discurso (os comportamentos anómalos de Meursault); aliás a referência ao olhar – desviado para “le bout des souliers” - acompanha o verbo “dire” introdutor do discurso relatado.

A transgressão das expectativas doxais relativamente à atitude de um filho em estado de luto constitui um comportamento anómalo, cujas repercussões sociais (e na construção de uma imagem de si) se assemelham às de um estigma(23). Assim, o contacto ocular, ou melhor, a ausência/recusa de contacto ocular constituem uma marca da heteroconstrução de um *ethos* disfórico do protagonista, uma vez que manifestam um desejo de distanciamento das restantes personagens-interlocutores, ao nível físico, emocional e social.

(22) «A uma outra pergunta redarguiu que a minha calma no dia do enterro o surpreendera. Perguntaram-lhe o que entendia ele por «calma». O diretor olhou então para as pontas dos sapatos e disse que eu não quisera ver o corpo da minha mãe, que não chorara uma única vez e que partira logo a seguir ao enterro, sem me recolher sequer uns momentos, no cemitério. [pp. 93/94]

(23) O conceito sociológico de *estigma*, tal como foi perspectivado por E. Goffman (1963), é definido pelo investigador como um atributo que um dado indivíduo possui e o torna diferente, isto é, uma característica que o desloca para uma categoria indesejável, tendo em conta as categorias sociais em que as pessoas podem ser inseridas e o conjunto de atributos “considerados como comuns e normais para os membros dessas categorias” (1963: 11). Segundo Goffman, estas categorias ou “pré-conceitos” são por nós (entenda-se aqui pela sociedade) transformadas em “expectativas normativas”. As expectativas relativamente à satisfação destas exigências por um dado indivíduo e as características que este efetivamente possui são denominadas, na terminologia de Goffman, respetivamente, de *identidade social virtual* e *identidade social real*. No quadro de investigação em torno do *ethos*, podemos afirmar que o estigma encontra-se na divergência entre a imagem que o locutor constrói efetivamente de si nas suas interações sociais e a imagem estereotipicamente prevista para um determinado contexto. Como tal, defendemos no nosso trabalho de dissertação que este *ethos* disfórico de Meursault é, na verdade, um *ethos* de “estigmatizado”.

3.2 *Aspetos prosódicos: intensidade articulatória*

A intensidade articulatória, tal como o contacto ocular, constitui um elemento importante no que diz respeito à manifestação do tipo de relação interpessoal na qual os interlocutores participam. Kerbrat-Orecchioni (1992: 43) dá o exemplo dos sussurros e de “ce que les phonéticiens appellent ‘la voix de la proximité’” que se encontram associados a uma relação de intimidade. M. Grosjean (1991), (*apud* Kerbrat-Orecchioni, *ibidem*) por seu turno, concluiu, através das suas experiências, que a voz desempenha um papel fundamental na marcação da distância psicológica e social:

Principal système de communication à distance [...], la voix serait ainsi un signe fondamental du lien, en ce qu’il apparaît être le support idéal pour traduire par homologie notre distance psychologique et sociale à l’autre.

Com efeito, a intensidade articulatória dos interlocutores é relevante na definição das relações interpessoais, mas é-o também em diferentes e variados aspetos da interação.

Os trabalhos experimentais de Prieto e Nadeu (2010) e Prieto *et al.* (2012) mostram o papel da prosódia (entoação, intensidade articulatória, qualidade vocal) em correlação com expressões faciais e gestos, na percepção da incredulidade e na adoção de estratégias de cortesia, no curso da interação.

A variação articulatória⁽²⁴⁾ tem um lugar de destaque em (4), na sequência de mais uma interação não colaborativa:

(4) Voulez-vous auparavant voir votre mère une dernière fois ?» J’ai dit *non*. Il [le directeur] a ordonné dans le téléphone **en baissant la voix** : «Figeac, dites aux hommes qu’ils peuvent aller.»⁽²⁵⁾ [pp.23]

A intensidade articulatória expressa pelo sintagma “en baissant la voix”, que acompanha o verbo introdutor de discurso relatado “ordonner”, constitui uma marca de distanciação social, bem como, psicológica: a recusa em ver o corpo da mãe é tratada como um assunto interdito ou tabu.

A temática deste excerto prolonga a sequência que analisámos em (1). O tópico é retomado, mas desta vez com um novo interlocutor. Por isso, (4)

(24) Importa referir que, sendo um texto literário, os aspetos relativos à análise da intensidade articulatória, bem como do silêncio, são fundamentados através de informações textuais.

(25) “Quer ver a sua mãe pela última vez?” Disse que não. Baixando a voz, deu uma ordem pelo telefone: “Figeac, diga aos homens que podem ir.” [pp.35]

deve ser analisado à luz do precedente, uma vez que a pergunta que inicia este excerto vem no seguimento do ato de recusa anterior. E permite a possibilidade de reconciliação com as normas, adquirindo um caráter de urgência mostrado no uso do sintagma “une dernière fois”. Ou seja, existe ainda a oportunidade de cumprir a expectativa doxal, de reparar os danos causados à imagem do protagonista pela recusa inicial e, por conseguinte, reintegrar-se na imagem estereotipada do filho enlutado. A nova recusa do protagonista vai consolidar a imagem disfórica criada na interação precedente.

A redução do tom de voz por parte do interlocutor poderá também constituir uma tentativa de colocar Meursault fora da interação verbal, como um mecanismo de distanciação afetiva do conteúdo e das implicações do enunciado, isto é, a recusa em ver o corpo da mãe que evoca valores paradoxais, como “O filho não ama a mãe” ou “O filho não se quer despedir da mãe”. Ou seja, o movimento de distanciamento ocorre em dois níveis diferentes: um distanciamento relativamente ao objeto do discurso e um distanciamento relativamente a Meursault.

Assim, o afastamento da postura e dos comportamentos estereotipicamente expectáveis de um filho em estado de luto conduz à heteroconstrução de um *ethos* de caráter claramente negativo, a partir do distanciamento, físico e emocional, dos interlocutores relativamente a Meursault.

Retomando o contexto do julgamento, o exemplo (5) mostra também a intensidade articulatória como marca de construção de um *ethos* disfórico.

- (5) L'avocat général a dit qu'à suite des déclarations de Marie à l'instruction, il avait consulté les programmes de cette date. Il a ajouté que Marie elle-même dirait quel film on passait alors. **D'une voix presque blanche**, en effet, elle a indiqué que c'était un film de Fernandel.(26) [pp.142]

Neste excerto, o procurador pede a Maria, namorada de Meursault, para revelar o nome do filme a que ambos assistiram, após uma tarde passada nas piscinas, no dia seguinte ao funeral. Uma vez que o género do filme (uma comédia) se torna inadequado relativamente ao estado emocional esperado de um filho enlutado, a descrição do tom de voz de Marie como “d'une voix presque blanche”, isto é, uma articulação sem timbre ou

(26) «O advogado de acusação disse que, em consequência das declarações de Maria durante a instrução do processo, consultara os programas dessa data. Acrescentou que a própria testemunha diria que filme tinham ido ver. Com uma voz trémula, Maria indicou que era um filme de Fernandel.» [pp. 97]

sem entoação, revela uma atitude de relutância em realizar o ato que poderá equivaler a um ato de admissão de culpa por associação. Com efeito, a relutância de Marie implica a consciência de que no seio da comunidade há uma discrepância entre um estado emocional de tristeza socialmente previsto de um filho em luto e uma disposição lúdica para a visualização de um filme, o que reforça a construção do *ethos* disfórico do protagonista.

3.3 Multifuncionalidade do silêncio

Em contexto interacional, o silêncio possui um papel preponderante e pode desempenhar diferentes funções. Michal Ephratt (2008: 1911) afirma, a propósito do trabalho de Bilmes (1994), que

Bilmes (1994) adheres to his view that “where the rule is ‘Speak’, not speaking is communicative” (78), writing that “conversational silence is the absence of talk (or of particular kinds of talk) where talk might relevantly occur” (79).

Ou, por outras palavras, numa interação social, o silêncio pode desempenhar uma função comunicativa, cuja importância interativa pretendemos comprovar na análise do seguinte excerto:

(6) J'ai demandé deux jours de congé à mon patron et il ne pouvait pas me les refuser avec une excuse pareille. Mais il n'avait pas l'air content. Je lui ai même dit : «Ce n'est pas de ma faute.» **Il n'a pas répondu.** J'ai pensé alors que je n'aurais pas dû dire cela. En somme, je n'avais pas à m'excuser. C'était plutôt à lui de me présenter ses condoléances.(27) [pp.9/10]

Em (6), o silêncio do destinatário é provocado, dado o tópico e o contexto, pelo comentário reativo de Meursault “Ce n'est pas de ma faute” dirigido ao patrão. Esta ausência de reação verbal é perspectivada como um ato avaliativo por Meursault. O comentário metadiscursivo decorre da avaliação que Meursault faz do silêncio do seu interlocutor: o marcador discursivo “alors” com valor temporal e consecutivo estabelece uma relação de causalidade entre os dois enunciados (“J'ai pensé alors que je n'aurais pas dû dire cela”).

(27) «Pedi dois dias de folga ao meu patrão e, com uma razão destas, ele não mos podia recusar. Mas não estava com um ar muito satisfeito. Cheguei mesmo a dizer-lhe: “A culpa não é minha.” Não respondeu. Pensei que não devia ter dito estas palavras. A verdade é que eu não tinha que me desculpar. Ele é que tinha de me dar pêsames.» [pp.29]

Assim, o silêncio vai adquirir um papel central nesta interação, já que é entendido como um ato avaliativo e, como tal, provoca a reinterpretação, por parte do protagonista, do enunciado “Ce n'est pas de ma faute” como um *faux pas*, isto é, um comentário que socialmente não é adequado ao contexto em questão. Pois, embora este excerto não se encontre inserido no espaço do funeral, o contexto da morte da mãe, com os valores doxais que acarreta, abarca todas as interações sociais inscritas numa proximidade temporal do evento, quer seja esta anterior ou posterior ao próprio funeral.

Johannesen(28) (1974: 29 *apud* Kurzon, 2007: 1674) apresenta um elenco de vinte possíveis significados do silêncio, entre os quais, podemos considerar como passíveis de categorizar o tipo de silêncio em análise “The person is avoiding discussion of a controversial or sensitive issue out of fear”, “The silence expresse[s] disagreement”, ou, até mesmo, “The person's silence is a means of punishing others, of annihilating others symbolically by excluding them from verbal communication”. Seja qual for o grau de desacordo (da simples evasão até à punição ativa), o valor avaliativo negativo do silêncio encontra-se claramente presente.

No contexto particular do funeral, o silêncio ocorre nas interações também com um valor marcadamente negativo, o que contribui para a construção progressiva da imagem disfórica do protagonista.

Ainda a propósito dos tipos de silêncio, Dennis Kurzon(29) (2007: 1675) recupera a distinção, desenvolvida em trabalhos anteriores (1998),

-
- (28) “(1) The person lacks sufficient information to talk on the topic. (2) The person feels no sense of urgency about talking. (3) The person is carefully pondering exactly what to say next. (4) The silence may simply reflect the person's normal rate of thinking. (5) The person is avoiding discussion of a controversial or sensitive issue out of fear. (6) The silence expresses agreement. (7) The silence expresse[s] disagreement. (8) The person is doubtful or indecisive. (9) The person is bored. (10) The person is uncertain of someone else's meaning. (11) The person is in awe, or raptly attentive, or emotionally overcome. (12) The person is snooty or impolite. (13) The person's silence is a means of punishing others, of annihilating others symbolically by excluding them from verbal communication. (14) The person's silence marks a characteristic personality disturbance. (15) The person feels inarticulate despite a desire to communicate; perhaps the topic lends itself more to intuitive sensing than to verbal discussion. (16) The person's silence reflects concern for not saying anything to hurt another person. (17) The person is daydreaming or preoccupied with other matters. (18) The person uses silence to enhance his own isolation, independence, and sense of self-uniqueness. (19) The silence marks sulking anger. (20) The person's silence reflects empathic exchange, the companionship of shared mood or insight”. Johannesen, (1974:29, *apud* Kurzon, 2007:1674)
- (29) “We may compare several of them, for example, meanings (3) and (4): ‘the person is carefully pondering exactly what to say next’ seems to be a case of intentional silence, while ‘the silence may simply reflect the person's normal rate of thinking’ is unintentional. The same may be said for meanings (16) and (17): cf. ‘the person's silence reflects concern for not saying anything to hurt another person’ – intentional, and ‘the person is daydreaming or preoccupied with other matters’ – unintentional.”

entre silêncio intencional (*intentional silence*) e silêncio não intencional (*unintentional silence*) referindo-se ao trabalho supracitado de Johannesen (1974). Partindo desta distinção, podemos observar em (7) a progressão e mesmo dinamismo do silêncio na interação.

- (7) Il s'approchait de la bière quand je l'ai arrêté. Il m'a dit: «Vous ne voulez pas?» J'ai répondu: «Non.» **Il s'est interrompu** et j'étais gêné parce que je sentais que je n'aurais pas dû dire cela. **Au bout d'un moment**, il m'a regardé et il m'a demandé : «Pourquoi ?» mais sans reproche, comme s'il s'informait.(30) [pp.14]

No que diz respeito a “il s'est interrompu”, podemos classificá-lo como um silêncio não intencional, na medida em que constitui uma reação espontânea à intervenção de Meursault. Segundo Kurzon (2007), Berger (2004) conclui, como resultado de um trabalho experimental, que uma das principais causas do silêncio se centra na tomada de conhecimento de “unexpected information/ deviant behaviour” (Kurzon, 2007: 1675). Como atrás observámos, a recusa de Meursault em ver a mãe é, no contexto fúnebre, uma reação não preferencial que se liga a índices de ausência de afetividade. A reação não preferencial de Meursault introduz, pois, na interação um comportamento desviante do expectável para o estereótipo de “filho enlutado”. Por conseguinte, o reação do porteiro integra-se nas conclusões de Berger (2004).

Relativamente a “au bout d'un moment”, podemos inseri-lo na categoria dos silêncios intencionais. A interrupção espontânea inicial dá agora lugar a um silêncio prolongado e intencional. Retomando a lista de Johannesen (1974: 29 *apud* Kurzon, 2007: 1674) “The person is carefully pondering exactly what to say next”. Visto que a imprevisibilidade da recusa de Meursault obriga, como vimos, a um esforço adicional na manutenção da interação, o silêncio constitui, neste caso, uma marca desse esforço acrescido.

Já, em (8), o silêncio marca o fim da interação e comporta um juízo axiológico negativo.

- (8) Un peu après, il m'a demandé : «C'est votre mère qui est là ?» J'ai encore dit: «Oui – Elle était vieille ?» J'ai répondu : «Comme ça», parce que je ne savais pas le chiffre exact. Ensuite, **il s'est tu.**(31) [pp.28]

(30) Ver nota de rodapé 14.

(31) «Pouco depois, perguntou-me: “É a sua mãe quem ali vai?” Voltei a dizer: “Sim.” “Era muito velha?” Respondi: “Assim, assim”, porque não sabia, ao certo, quantos anos tinha. O homem calou-se. [pp.37]

Como a intervenção reativa de Meursault se encontra modalizada epistemicamente com o juízo de “desconhecimento”, esta constitui uma reação não preferencial, já que o desconhecimento de um dado pessoal, como a idade, de um familiar próximo sugere um distanciamento ou uma ausência de afetividade.

Ainda de acordo com Johannessen, podemos concluir que, no caso do empregado de cerimónias fúnebres, “The silence expresse(s) disagreement”. Entenderemos aqui desacordo como uma recusa de adesão (Maingueneau, 1999), ou seja, existe um movimento de distanciamento que determina o encerramento da interação.

No julgamento, o silêncio ocorre igualmente como reforço da construção do *ethos* disfórico do protagonista:

- (9) L'avocat général a dit qu'à la suite des déclarations de Marie à l'instruction, il avait consulté les programmes de cette date. Il a ajouté que Marie elle-même dirait quel film on passait alors D'une voix presque blanche, en effet, elle a indiqué que c'était un film de Fernandel. Le silence était complet dans la salle quand elle a eu fini.(32) [pp.142]

Em (9), o silêncio encontra-se na sequência da revelação de Marie de que o filme a que assistiu com o protagonista no dia seguinte ao funeral era uma comédia. Como acima referimos, o género cómico não se coaduna com o estado de espírito de uma pessoa em luto. Esta divergência emocional invoca a negação dos valores doxais ligados à figura da mãe, atrás mencionados, ou seja, “Este filho não ama a mãe”, “A morte da mãe não afetou/ é indiferente ao filho”, “A mãe não tem importância para este filho”. É esta esfera de valores desviantes que concorre na construção do *ethos* disfórico do protagonista.

O silêncio que predomina após o testemunho de Marie, mais do que a simples expressão de desacordo, invoca um estado de estupefação, ou mesmo de horror perante a apresentação/construção da imagem marcadamente negativa de Meursault. De acordo com o trabalho Johannessen (1974:29, *apud* Kurzon, 2007:1674), poderemos afirmar que a audiência se encontra “in awe, or raptly attentive, or emotionally overcome”.

(32) «O advogado de acusação disse que, em consequência das declarações de Maria durante a instrução do processo, consultara os programas dessa data. Acrescentou que a própria testemunha diria que filme tinham ido ver. Com uma voz trémula, Maria indicou que era um filme de Fernandel. Quando ela acabou, o silêncio na sala era completo.» [pp. 97]

Assim, o movimento de distanciamento, presente no silêncio, e igualmente nos mecanismos não-verbais e paraverbais que temos vindo a analisar, constitui uma marca/consequência da construção, por parte dos interlocutores do protagonista, de um *ethos* disfórico de Meursault.

3.4 Marcas proxémicas de distanciação

Os indícios corporais, como os gestos, a postura ou a orientação do corpo e distância entre os interlocutores, podem constituir igualmente um meio de expressão de emoções, de juízos, de uma solidariedade entre os interlocutores ou de um afastamento emocional.

O exemplo (10) mostra o dinamismo da organização proxémica no desenvolvimento da interação. Contextualizando o excerto: a ação narrada ocorre no dia seguinte ao funeral, quando o protagonista encontra Marie Cardona, uma antiga funcionária da empresa em que trabalha, nas piscinas.

- (10) Quand nous nous sommes rhabillés, elle a eu l'air très surprise de me voir avec une cravate noire et elle m'a demandé si j'étais en deuil. Je lui ai dit que maman était morte. Comme elle voulait savoir depuis quand, j'ai répondu: «Depuis hier.» **Elle a eu un petit recul**, mais n'a fait aucune remarque.(33) [pp.33]

Em (10), o vestuário serve de instigador da troca verbal, dado que o vestuário de cor preta marca na sociedade ocidental de um estado de luto. Tal provoca uma reação de surpresa em Marie, já que o contexto recreativo em que os interlocutores se encontram inseridos diverge da disposição emocional que o estado de luto pressupõe.

Desta forma, a reação de Marie conduz a um ato reativo/iniciativo de “pergunta” (“elle m'a demandé si j'étais en deuil”). A resposta afirmativa de Meursault desencadeia a segunda troca verbal que introduz o conflito na interação: a proximidade temporal com a morte da mãe. Como já referimos, a proximidade temporal relativamente à morte da mãe inscreve esta interação na mesma esfera de valores doxais acima referidos.

O movimento de distanciação que observámos nos excertos anteriores adquire, neste caso, uma corporalidade, uma manifestação física. O sin-

(33) «Depois de vestidos, ficou admirada de me ver com uma gravata preta e perguntou-me se estava de luto. Disse-lhe que a minha mãe tinha morrido. Como queria saber há quanto tempo, respondi-lhe: “Morreu ontem.” Esboçou um movimento de recuo, mas não fez qualquer observação.» [pp. 40]

tagma “*petit recul*” circunscreve em si a expressão de uma reação corporal cujo caráter espontâneo é indicativo de uma emoção primária: a surpresa, ou até mesmo, a repulsa.

Mais uma vez, estamos perante o confronto de duas imagens divergentes. Com efeito, na sociedade ocidental, uma pessoa em luto não se envolve em atividades lúdicas, como ir à piscina, nem inicia relacionamentos amorosos no período de luto, uma vez que o estado emocional previsto não se coaduna com o empreendimento de atividades recreativas. O estado emocional estabelece-se, então, como fator decisivo na construção deste *ethos*.

Considerando a proposta de Hall (1966), este afastamento constitui uma tentativa de sair do espaço pessoal comum aos interlocutores, pela sua relação de intimidade. Inserida neste espaço pessoal, Marie Cardona participa, por associação, no comportamento desviante do protagonista.

4. Considerações Finais

Perspetivamos o nosso trabalho sobre o *ethos* ou *imagem de si* no quadro de investigação da Análise Linguística do Discurso, revendo brevemente o percurso histórico deste conceito. Além do complexo de estratégias linguísticas e discursivas que envolve a construção das imagens, centrámos a nossa análise na correlação entre mecanismos discursivos e mecanismos não-verbais e paraverbais que participam na co-construção da imagem do protagonista.

Os elementos não-verbais e paraverbais podem desempenhar diferentes funções sociais, e podem, em particular, constituir marcas de uma comunicação afetiva entre os interlocutores. São mecanismos que fazem parte integrante do material semiótico da interação, marcando dimensões comunicativas que apontam a centralidade do contexto e a natureza multi-canal da interação.

Na construção do universo discursivo de *L'Etranger*, o contexto socio-cultural no qual se insere a ação dos excertos selecionados, nomeadamente, o contexto fúnebre, molda de forma inegável o curso das interações. Tal verifica-se no confronto de duas imagens: a imagem prevista no imaginário doxal das personagens que interagem com o protagonista, isto é, o estereótipo de filho enlutado e a imagem que as personagens constroem de Meursault, em reação ao seu discurso e à sua conduta (num processo de heteroconstrução do *ethos*). É, pois, deste confronto que surge o *ethos* disfórico de Meursault, construído pelas demais personagens

A presença de elementos não-verbais e paraverbais variados nas interações analisadas, tais como, o contacto ocular, a prosódia, o silêncio e a organização proxémica da interação reforçam a esfera da negatividade, e, por consequência, implicam um juízo axiológico: evitamento ocular, diminuição do tom de voz, silêncio são marcas do fim da interação e de distância física. Tal sugere um movimento de distanciação, social, física e emocional, das personagens que participam em interações sociais com o protagonista. Este movimento recorrente de distanciação das personagens aparece como reação à postura e comportamentos anómalos do protagonista e consequente construção de um *ethos* “disfórico”.

5. Referências Bibliográficas

- AMOSSY, R. (1991), *Les Idées reçues. Sémiologie du stéréotype*, Paris, Nathan.
- AMOSSY, R. (1994), “Stéréotype et Argumentation”, in Alain Goulet (ed.) *Le Stéréotype. Crise et Transformation*, Caen, Presses Universitaires de Caen, pp. 47-61.
- AMOSSY, R. & Herschberg Pierrot, A. (1997), *Stéréotypes et clichés. Langue, discours, société*, Paris, Colin.
- AMOSSY, R. (2000), *L'argumentation dans le discours. Discours politique, littérature d'idées, fiction*, Paris, Nathan.
- AMOSSY, R. (2010), *La présentation de soi – Ethos et identité verbale*, Paris, Presses Universitaires de France.
- ARGYLE, M. & Dean, J. (1965), “Eye-contact, distance and affiliation”, *Sociometry* 28, pp. 289-304.
- ARISTÓTELES (2005), *Retórica*, Lisboa, INCM [Tradução de Manuel Alexandre Júnior].
- BERGER, C. R. (2004), “Speechlessness: causal attributions, emotional features and social Consequences”, *Journal of Language and Social Psychology* 23, nº2, pp.147-179.
- BILMES, J. (1988), “The concept of preference in conversation analysis”, *Language in Society* 17, nº 2, pp.161-181.
- BILMES, J. (1994), “Constituting silence: life in the world of total meaning”, *Semiotica* 98, pp. 73-87.
- CAMUS, A. (2007) [1942], *L'étranger*, Paris, Éditions Gallimard.
- CAMUS, A. (2012) [1942], *O estrangeiro*, Lisboa, Editora Livros do Brasil. [Tradução de António Quadros].
- COSNIER, J. & Brossard A. (1984), *La communication non verbale*, Paris, Delachaux et Niestlé.
- COSNIER, J. (1989), “Les tours et le copilotage de l'interaction conversationnelle”, in R. Castel, J. Cosnier, & I. Joseph (ed.) *Le parler frais d'Erving Goffman*, Paris, Édition de Minuit., pp. 223-244.

- COSNIER, J. (1996), "Les gestes du dialogue, La communication non verbale" in *Psychologie de la motivation* 21, pp. 129-138.
- DUCROT, O. (1984), *Le dire et le dit*, Paris, Minuit.
- EGGS, E. (1999), "Ethos aristotélicien, conviction et pragmatique moderne", in R. Amossy (ed.) *Images de soi dans le discours, La construction de l'ethos*, Paris, Lausanne, Delachaux et Niestlé, pp.31-59.
- EPHRATT, M. (2008), "The functions of silence", *Journal of Pragmatics* 40, pp. 1909-1938.
- EPHRATT, M. (2011), "Linguistic, paralinguistic and extralinguistic speech and silence", *Journal of Pragmatics* 43, pp. 2286-2307.
- GARDNER, R, Levy, M. (2010), "The coordination of talk and action in the collaborative construction of a multimodal text", *Journal of Pragmatics* 42, pp. 2189-2203.
- GOFFMAN, E. (1967), *Interactional Ritual – Essays on Face-to-Face Behaviour*, London, Penguin Books.
- GOFFMAN, E. (1973), *The presentation of self in everyday life*, London, Penguin Books.
- GOFFMAN, E. (1981), *Forms of talk*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- GOFFMAN, E. (1998) [1963], *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara [Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes].
- GROSJEAN, M. (1991), *Les musiques de l'interaction*, Thèse de Doctorat, Univ. Lumière –Lyon 2.
- HALL, E. (1966), *The hidden dimension*, New York, Doubleday & Company.
- HOLLER, J. & Wilkin, K. (2011), "An experimental investigation of how addressee feedback affects co-speech gestures accompanying speakers' responses", *Journal of Pragmatics* 43, pp.3522-3536.
- JANNEY, R. (1999), "Words as gestures", *Journal of Pragmatics* 31, pp. 953-972.
- JOHANNESEN, R. L. (1974), "The functions of silence: a plea for communication research", *Western Speech* 38, pp. 25-35.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C.(1990), *Les Interactions Verbales*, Tome I, Paris, Armand Colin.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C.(1992), *Les Interactions Verbales*, Tome II, Paris, Armand Colin.
- KURZON, D. (1998), *Discourse of Silence*, Amsterdam, John Benjamins.
- KURZON, D. (2007), "Towards a typology of silence", *Journal of Pragmatics* 39, pp.1673-1688.
- LEVINSON, S. (1983), *Pragmatics*, Cambridge, C.U.P.
- MAINGUENEAU, D. (1984), *Genèses du discours*, Liège, Mardaga.
- MAINGUENEAU, D. (1991), *L'Analyse du discours, Introduction aux lectures de l'archive*, Paris, Hachette.
- MAINGUENEAU, D. (1998), *Analyser les textes de la communication*, Paris, Dunod.
- MAINGUENEAU, D. (1999), "Ethos, scénographie, incorporation", in R. Amossy (ed.) *Images de soi dans le discours, La construction de l'ethos*, Paris, Lausanne, Delachaux et Niestlé, pp.75-101.

- MARQUES, M. A. (2008), “Arrogância e Construção do Ethos no Discurso Político Português”, in *Actas do III Simpósio Internacional de Análise do Discurso*, Brasil, Belo Horizonte, UFMG, pp. 1-10, CD-ROM, ISBN: 978.85.7758.056.9.
- MARQUES, M. A. (2009), “Quando a cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do Outro” in Fátima Oliveira e Isabel Margarida Duarte (ed), *O fascínio da linguagem. Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, pp.277-296.
- MARQUES, M. A. (2011), “Argumentação e(m) Discursos” in Isabel Margarida Duarte e Olívia Figueiredo (ed.), *Português, Língua e Ensino*, pp.287-310, Porto, Universidade do Porto.
- PINTO, R. (2003), “O ethos e a argumentação nos editoriais portugueses – um desvendar crítico”, in Marques, M. A., Pereira, M. E., Ramos, R. & Ermida, I. (ed.), *Práticas de Investigação em Análise Linguística do Discurso. Actas do II Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso*, Braga, CEHUM.
- POMERANTZ, A. (1984), “Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn-shapes”, in Atkinson, J.-M e Heritage, J. (ed.), *Structures of Social Action. Studies in Conversation Analysis*, Cambridge, Cambridge University Press.
- RODRIGUES, M. (1998), “A sequência discursiva pergunta-resposta”, in Fonseca, J. (ed.), *A Organização e o Funcionamento dos Discursos – Estudos sobre o Português*, Tomo II, Porto, Porto Editora, pp.11-220.
- SACKS, H., Schegloff, E. & Jefferson, G. (1974), “A Simplest Systematic for the Organization of Turn-taking for Conversation”, in Asa Kasher (ed.) (1998), *Pragmatics: Critical Concepts*, vol. V, Communication, Interaction and Discourse, London & New York, Routledge, pp. 193-242.
- SWAIN, J., G.M. Stephenson & M.E. Dewey, (1982), ““Seing a stranger”: Does eye-contact reflect intimacy?”, *Semiotica* 42-2/4, pp. 107-108.
- YU, C. (2011), “The display of frustration in arguments: A multimodal analysis”, *Journal of Pragmatics* 43, pp. 2964-2981.

